

O modelo "Vampyroteuthis infernalis".

(Para Dora)

W. Reich permite a seguinte leitura: O "espírito", (psique), não é objeto de investigações, mas aspecto de objetos investigáveis, dos organismos. A psicologia não é disciplina distinta da biologia, mas ramo da biologia que se interessa por tais aspectos. Tal atitude não é recada para o século 18, para o qual os organismos eram mecanismos: pelo contrário, está informada pelos conhecimentos acumulados pelos séculos 19 e 20, e sobretudo pelo freudismo. Os organismos enquanto objetos observáveis são vistos como idênticos ao conceito mítico freudiano do "inconciênte". Analisar organismos é fazer "psicanálise". Organismos são acumuladores de pressões "recalcadas".

Vistos assim são eles memórias estratificadas, compostas de níveis de recalques, como o são as formações geológicas. Analisar tais níveis é reconstituir a ontogênese e a filogênese dos organismos. As camadas superficiais dos organismos, as que o envolvem, acumulam as pressões externas e internas que o organismo recalcou ao longo de sua vida. São sua "couraça". No caso do homem, tais pressões são sobretudo culturais, e são acumuladas na musculatura. Trata-se de caimbra que vai modulando a atitude vital de cada indivíduo, sua "personalidade". Quanto mais rígida a caimbra; tanto mais forte a personalidade. Se a caimbra for relaxada, por acidente ou por intervenção dirigida, a personalidade entra em colapso, (evento experimentalmente provado por Reich e seus seguidores). Tal massagem dirigida é pois técnica da "psicanálise individual".

Debaixo da couraça estão as camadas que acumulam as pressões exercidas sobre a "informação genética" do organismo: são elas a memória da evolução da vida. O "inconciênte coletivo" junguiano, mas que aponta até a origem da vida e além dela. O organismo enquanto objeto não é senão manifestação fenotípica dos recalques genotípicos, de tais "arquetípos". Todas as camadas que compõem o organismo são carregadas de energia latente, acumuladores das pressões sofridas e recalcadas ao longo da vida individual e da evolução da vida toda. O organismo é bomba que explode, se a caimbra que ele é for relaxada. Tal energia vital acumulada Reich chama "orgon".

Curiosamente, o modelo reichiano do organismo é o inseto, talvez por nele ser a couraça concretamente observável. Daí sua divisão do organismo em três segmentos: cefálico, torácico e abdominal. No segmento cefálico está a boca, no abdominal o anus. Há duas atitudes vitais fundamentais: a côncava e a convexa. Na côncava o organismo se curva para aproximar a boca do anus, na convexa para afastá-los uma do outro. A primeira é libidínosa, (mole), a segunda é tanática, (dura).

A primeira atitude vital, a assumida durante o coito, libera a energia acumulada: orgasmo. A caimbra relaxa. A segunda atitude vital, "peito pra frente", a assumido no serviço militar, reforça a personalidade.

A caimbra enrigidece. A primeira atitude é a do abandono de si mesmo, a segunda a da auto-afirmação. A primeira é a atitude do amor, a segunda a da guerra. Tôda revolução é erótica, tôda reação militaristicamente mortal, por serem "atitudes coletivas". Make love, not war.

Trata-se de visão extraordinariamente sugestiva, mas que tem o inconveniente ser seu modelo o inseto. Insetos são ramo da evolução; ao qual não pertencemos. Sua rigidez é externa, a nossa interna. O esqueleto rígido dos vertebrados os impede a executar satisfatoriamente as duas atitudes vitais reichianas. Isto não é o caso do Vampyroteuthis, este molusco evoluido. Ele está no mesmo ramo da evolução ao qual pertencem os insetos. A segmentação está inscrita na sua memória profunda, no seu "inconciente coletivo", mas não na nossa. Por certo: Vampyroteuthis recalçou a segmentação, mas ela se manifesta na sua espiralidade. Ao ter abandonado a segmentação dos anelida, Vampyroteuthis se retorceu em espiral, e destarte aproximou a boca do anus. A atitude vital dos molusca, e sobretudo dos cefalopodios, é a do orgasmo permanente. E, no entanto, Vampyroteuthis é o mais ferroz dos animais, o mais mortal, o mais guerreiro. He makes love and he makes war, mais que qualquer animal que conhecemos.

Sigamos Reich para compreendê-lo. O orgon acumulado nos anelida explodiu em duas direções: na da couraça, da rigidez, da guerra, da morte, na dos insetos; e na da moleza, da elasticidade, do coito continuo, do amor na dos moluscos. Mas a explosão não se esgotou neles. Continuou explodindo, e resultou nos cefalopodios, em guerra, suicidio e canibalismo. Vampyroteuthis é ente duplamente recalçado: recalca as pressões sofridas, mas recalca, além disto, a moleza dissoludora e "salvadora" da caimbra, projetada pelos moluscos.

Eis um modelo que desafia a nossa "imaginação criativa". Segundo Reich a fusão de boca com anus é a meta da vida tôda: orgasmo permanente, vitória do amor sobre a morte. A fusão bucal-anal é a derradeira sintese da dialéctica "eros/thanatos". Pois os mollusca a realizaram quase perfeitamente: boca e anus se aproximaram em cabeça central, que é localizada no centro do "pé" e controlada por cérebro circular que contorna tal cabeça. O sexo se cerebralizou, e o cérebro está sexualizado. Mas a evolução não "se satisfez" com o orgasmo permanente. O Vampyroteuthis "nega a derradeira sintese", e abre-se, como palma da mão, para nôva evolução, esta rumo à morte. Depois da evolução do amor, a evolução da morte.

Podemos completôr o modelo com outro, o da teoria dos jogos. O Vampyroteuthis será derradeiro lance no jogo do acaso do amor, ("endgame"), e primeiro lance no meta-jogo do acaso da morte. Continua brincando amor, jogo para ele esgotado, mas passa também a brincar morte, jogo novo e cheio de virtualidades. Brinca em nivel superior ao nosso. "Saltou". Está em relação conosco como a que mantêm, em niveis inferiores, o virus com a célula. O virus "saltou" da célula, nutre-se dela, propaga-se nela, domina

a célula, mata-a se fôr canceroso. A célula serve de suporte ao vírus, e o vírus não mais participa da evolução da célula, a qual "despreza". A relação "célula-vírus" é um modelo da relação "homem-Vampyroteuthis".

Modelo negativo. Anti-utopia. Vampyroteuthis abriga as virtualidades de um jôgo mortal que para nos são inacessíveis. Nos abrigamos as virtualidades de um jôgo amoroso que ele despreza, (recalca). Ele brinca jôgo que não podemos acompanhar, e o qual portanto julgamos detestável. Nos brincamos jôgo que ele já conhece de côr, e acha enfastioso. Vampyroteuthis é modelo da nossa derrota. Por isto nos causa horror, e por isto nos fascina.